

FICHA TÉCNICA

Título original: *Bring me Back*

Autora: *B. A. Paris*

Copyright © B A Paris 2018

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2019

Tradução: *Maria João Freire de Andrade*

Revisão: *Helena Romão/Editorial Presença*

Imagens da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 453 150/19

1.ª edição, Lisboa, abril, 2019

Reservados todos os direitos
para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

DOZE ANOS ANTES

Entrevista: Finn McQuaid

Data: 15/03/2006

Hora: 03h45

Localidade: Fonches

Regressávamos de Megève, onde tínhamos estado a fazer esqui. Decidi parar em Paris para surpreender a Layla, porque ela nunca tinha lá estado. Jantámos num restaurante, perto da catedral de Notre-Dame, e depois passeámos ao longo do Sena. Podíamos ter passado ali a noite — agora, gostaria que o tivéssemos feito —, mas estávamos ambos ansiosos por voltar para a nossa casa de campo em St. Mary, em Devon.

Partimos de Paris cerca da meia-noite. Passada cerca de uma hora e meia do início da nossa viagem, tive de ir à casa de banho, por isso saí do carro, na área de piqueniques em Fonches. Não era uma estação de serviço, não se pode meter ali gasolina nem nada parecido, mas eu sabia que havia casas de banho porque já tinha ali parado antes, noutras viagens a Megève. O lugar estava deserto, para além do carro de que falei, e que estava estacionado mesmo em frente do bloco das casas de banho. Acho que havia alguns camiões, no carreiro do outro lado; devia haver pelo menos dois, aquele que vi sair e o outro com cujo motorista falámos mais tarde.

Uma garrafa de água vazia rolava no carro, e tínhamos comido alguns *snacks* no regresso de Megève, por isso continuei a conduzir,

passando pelas casas de banho, e desci até ao fundo do parque de estacionamento, onde havia um caixote de lixo, para deitar fora as embalagens. Devia ter estacionado no exterior das casas de banho e saído. Se o tivesse feito, estaria mais perto do carro. Eu devia ter estado mais perto.

A Layla estava a dormir — tinha adormecido assim que chegámos à autoestrada, e não a quis acordar, por isso limitei-me a ficar sentado durante um bocado, apenas para me descontraír um pouco. Ela acordou, assim que comecei a juntar as coisas para deitar fora. Não quis usar aquela casa de banho, disse que preferia esperar até pararmos numa verdadeira estação de serviço, e quando saí do carro disse-lhe para trancar as portas atrás de mim, porque não gostava de a deixar assim no escuro. Ela odeia mesmo o escuro, percebe.

A caminho das casas de banho, passei por um homem que vinha a sair, e um instante depois ouvi um carro afastar-se. Ele era mais baixo que eu, talvez um metro e oitenta e dois? Acho que tinha cabelo escuro, e tinha definitivamente barba. Não demorei muito tempo na casa de banho, não gostava de estar ali, sentia-me nervoso, como se alguém me estivesse a observar. Talvez fosse porque um dos cubículos tinha a porta fechada.

Quando voltei para o carro, ouvi um camião a sair do parque de estacionamento e observei-o, enquanto ele se dirigia ao longo do carreiro até à autoestrada. Afastava-se rapidamente, como se estivesse com pressa mas, sinceramente, na altura, não pensei muito naquilo. Vi ao longe a silhueta do nosso carro, era o único que ali se encontrava porque o outro, o que estivera estacionado em frente do bloco das casas de banho, tinha desaparecido. Só quando me aproximei mais é que percebi que a Layla não estava no carro, e achei que ela devia ter mudado de ideias e fora à casa de banho. Lembro-me de que olhei para trás, à espera de a ver correr atrás de mim — sabia que, tal como eu, a Layla devia estar assustadíssima com aquele lugar —, mas ela não estava ali, por isso entrei no carro para esperar por ela. Mas a escuridão começou a enervar-me, por isso liguei o motor e mudei o carro de sítio, estacionando em frente do bloco das casas de banho, onde havia pelo menos uma réstia de luz, para que a Layla não tivesse de regressar até ao carro no escuro.

Deviam ter-se passado apenas alguns minutos, antes de me começar a preocupar. Pareceu-me estranho ela ainda não ter aparecido, por isso saí do carro, e fui até à casa de banho das mulheres para a procurar. Havia três cubículos, dois estavam vazios, mas o terceiro tinha a porta fechada, e presumi que ela estivesse ali. Chamei-a, e quando não obtive resposta, pousei a mão na porta e empurrei-a. Ela abriu-se de imediato, e quando vi que a Layla não estava lá dentro, saí a correr, e comecei a chamá-la, pensando que talvez, depois de eu ter saído do carro, ela tivesse decidido dar um passeio curto para esticar as pernas ou apanhar um pouco de ar fresco. Mas, mesmo enquanto pensava nisso, sabia que ela nunca teria saído do carro, não de noite, não quando estava escuro como breu porque, como disse, a Layla odiava a escuridão.

Corri até à parte de trás do bloco de casas de banho, não fosse dar-se o caso de ela lá estar, e quando não a consegui encontrar, tirei uma lanterna do porta-bagagens e comecei a procurá-la por toda a parte, esquadrinhando a área de piqueniques e gritando o seu nome. Ainda havia um camião no parque, por isso dirigi-me a ele e chamei, à espera de encontrar alguém que me ajudasse a procurá-la. Mas não havia ninguém na cabina do motorista e, quando bati na porta, ninguém respondeu, por isso calculei que o homem estivesse a dormir nas traseiras. Também bati nessa porta, mas não apareceu ninguém, e quando peguei no telemóvel e vi que não tinha rede, fiquei sem saber o que fazer. Não me queria ir embora, porque a Layla podia ter caído algures e estar ferida, mas também sabia que não seria capaz de a encontrar só com a luz da lanterna. Por isso, voltei para o carro e conduzi o mais rapidamente possível até à estação de serviço mais próxima, e saí do carro a correr, gritando por ajuda. Não foi fácil fazê-los compreender-me, porque o meu francês não é muito bom, mas acabaram por decidir ligar à polícia local. Então o senhor apareceu, e falava bem inglês, e levou-me de novo até à área de piqueniques para me ajudar a procurar a Layla, porque eu tinha mesmo de a encontrar.

Foi esta a declaração que prestei à polícia, sentado numa esquadra, algures junto à A1, em França. Era a verdade. Mas não toda a verdade.

PARTE UM

UM

Presente

O meu telemóvel toca, enquanto atravesso o átrio de paredes de vidro dos impressionantes escritórios do Harry, na London Wall. Viro-me, e vejo as horas no relógio digital por cima do balcão da rececionista; são apenas quatro e meia, mas estou ansioso por chegar a casa. Foram meses de perseverança para convencer o Grant James, o famoso magnata, a investir cinquenta milhões de libras no novo fundo de investimento do Harry, e estou pronto para comemorar. Como forma de agradecimento, o Harry reservou-nos uma mesa — para mim e para a Ellen — para hoje à noite no The Hideout, o melhor restaurante de Cheltenham, e sei que ela vai adorar.

Olho impaciente para o telemóvel, esperando que não seja uma chamada que tenha de atender. Vejo que é o Tony Heddon, um detetive da polícia de Exeter, quem está a ligar. Conhecemo-nos há doze anos, quando fui preso como suspeito do homicídio da Layla, e desde essa altura que nos tornámos bons amigos. Há um banco de aço curvo à esquerda da área da receção, por isso dirijo-me até lá e pouso a pasta em cima do banco metálico.

— Tony — digo, ao atender. — Que bom ter notícias tuas.

— Não te estou a incomodar, pois não?

— Não — respondo, reparando que ele soa sério, como é habitual soar sempre que me liga para me informar que o corpo de uma mulher não identificada foi encontrado pelas autoridades francesas.

Calculando o quão embaraçado se deve estar a sentir, decido questioná-lo de imediato.

— Encontraram outro corpo?

— Não, nada disso — diz ele, num tom tranquilizador, com o seu sotaque suave de Devonshire. — O Thomas Winter, sabes, o teu antigo vizinho em St. Mary, apareceu ontem na esquadra.

— O Thomas? — digo, surpreendido. — Pensei que ele já tinha morrido, passados todos estes anos. Como é que ele está?

— Fisicamente, está muito bem, mas agora é muito mais velho. É por isso que não queremos dar muita importância ao que ele nos disse — acrescenta, interrompendo-se em seguida.

Espero que ele continue e, enquanto isso, penso no que o Thomas lhes poderá ter dito. Mas então lembro-me que, antes da Layla e eu partirmos para as nossas férias em França, antes de ela desaparecer, o Thomas só nos conhecia como um casal feliz.

— Porquê, o que é que ele disse? — pergunto.

— Que, ontem, viu a Layla.

O meu coração salta uma batida. Pouso a minha mão livre no metal frio do banco, tentando processar o que ele acabou de me dizer. Sei que está à espera de que eu diga alguma coisa, mas não consigo fazê-lo, por isso deixo que seja ele a preencher o silêncio.

— Ele disse que a viu, parada no exterior da casa e que, quando foi falar com ela, ela fugiu — continua.

— Porque não era ela — respondo, com voz neutra.

— Foi isso que lhe disse. Recordei-lhe que se passaram doze anos desde a última vez que a viu, mas ele disse que a reconheceria, mesmo passados cinquenta anos. Tinha uma camisola com um capuz, mas ele está convencido de que era a Layla. Aparentemente, qualquer coisa acerca da maneira como ela estava ali parada.

— Mas não falou com ela.

— Não. Ele disse, e cito: «Chamei-a e ela virou a cabeça, mas quando me viu, fugiu.» Também disse que ela se dirigiu à estação, mas àquela hora a bilheteira estava fechada, e não conseguimos encontrar ninguém que tenha visto uma mulher à espera de um comboio. Não há câmaras de vigilância, por isso não o podemos saber.

Procuro a resposta certa.

— Não pensas mesmo que é a Layla, pois não? Passados todos estes anos.

O Tony suspira pesadamente.

— Estou inclinado a achar que foi apenas a imaginação hiperativa do Sr. Winter. Só achei que o devias saber.

— Bem, obrigado, Tony. — Quero desligar, mas parece-me demasiado cedo. — Quando é que te reformas? Em setembro, não é?

— Sim, só me restam mais alguns meses. Depois disso, não sei bem o que vou fazer.

Agarro-me àquilo.

— Podes começar por nos vir visitar. Sei que a Ellen adoraria ver-te.

— Claro que vos vou visitar.

Talvez ele perceba que não estou com vontade de falar, porque me diz que tem de fazer outra chamada. Detenho-me por um momento, tentando pôr as coisas em perspetiva, imaginando porque é que o Thomas pensou ter visto a Layla. Faço alguns cálculos rápidos; tínhamos comemorado o seu octogésimo aniversário em 2006, antes de partirmos para aquelas férias fatídicas em França, o que significa que o Thomas tem agora noventa e dois anos, uma idade em que as pessoas se confundem com facilidade, em que é fácil ignorar o que dizem ou aquilo que pensam ter visto. Só podem ser as divagações de um velho. Confiante, tiro as chaves do bolso e dirijo-me ao parque de estacionamento.

A viagem até casa é inacreditavelmente lenta, o que não é invulgar para uma tarde de sexta-feira. Ao passar pelo letreiro à entrada da aldeia, que diz «Bem-vindo a Simonsbridge. Por favor, conduza devagar», o meu entusiasmo anterior em relação ao novo investimento começa a regressar. Ainda bem que o Harry reservou uma mesa no The Hideout; disse-me para experimentar o bife de veado e, provavelmente, é isso que vou fazer.

Instantes depois, estou a estacionar em frente de casa, talvez nada de muito especial vista do lado de fora, mas assim que se entra é o meu refúgio, o meu jardim, o meu santuário. Num dia

normal, a Ellen estaria parada junto à porta, tão impaciente para me ver quanto eu por a ver a ela. É frequente que, despertada de alguma ilustração em que esteja a trabalhar pelo som dos pneus a pisarem o cascalho, ela abra a porta antes de eu sair do carro. Mas hoje não. E, hoje, isso parece-me um mau agouro.

Digo a mim mesmo para não ser estúpido, que ela nem sempre me abre a porta, que se lhe tivesse ligado antes para lhe contar as notícias, é claro que ela estaria à minha espera. Mas quis dizer-lho pessoalmente, quero vê-la dizer-me o quanto sou inteligente em vez de me limitar a ouvi-la. Sei como isto soa, e não é que tenha um ego enorme, é mais porque conseguir este negócio é um marco na minha carreira. Um resultado como o do Grant James é semelhante a uma explosão de adrenalina. Até ultrapassa a excitação que sinto sempre que consigo superar os mercados.

O som da minha chave na fechadura não a faz vir à porta. Também não faz aparecer a *Peggy*, a nossa *setter* vermelha, o que é ainda mais invulgar. Em vez de gritar, vou à procura da Ellen, sentindo-me ligeiramente preocupado. Quando abro a porta da sala de estar, vejo-a encolhida numa das poltronas, vestindo a minha camisa de ganga azul, que continua a roubar do meu roupeiro. Não me importo, adoro vê-la com ela. Tem os joelhos encostados ao peito e a camisa puxada para baixo, por cima deles, como se fosse uma tenda.

O meu suspiro silencioso de alívio ao encontrá-la ali é contido, devido ao modo como ela está a olhar pela janela, os seus olhos perdidos num passado distante. É um olhar que não vejo já há algum tempo, mas um olhar que conheço muito bem. Isso explica porque é que a *Peggy*, sempre sensível às disposições da Ellen, está silenciosamente deitada aos seus pés.

— Ellen? — digo, em voz baixa.

Ela vira a cabeça na minha direção e, quando os seus olhos se focam, levanta-se.

— Desculpa — diz, num tom triste, apressando-se até junto de mim, a *Peggy* seguindo-a mais calmamente, mostrando a sua idade. — Estava a quilómetros de distância.

— Estou a ver que sim.

Ela estica-se e beija-me.

— Que tal foi o teu dia?

— Bom — respondo, guardando as minhas notícias acerca do investimento durante um bocado. — E o teu?

— O meu também. — Mas o seu sorriso é demasiado animado.

— Então, em que é que estavas a pensar quando entrei?

Ela abana a cabeça.

— Em nada.

Ponho um dedo debaixo do seu queixo, e inclino-lhe a cabeça para cima, para que ela não possa evitar os meus olhos.

— Sabes que isso não resulta comigo.

— A sério, não é nada — insiste ela.

— Conta-me.

Ela encolhe ligeiramente os ombros.

— Esta tarde, quando voltei do meu passeio com a *Peggy*, encontrei isto — ela enfia a mão no bolso da frente da camisa, e tira algo —, caído em frente de casa.

Olho para a boneca de madeira pintada na palma da sua mão, e uma vaga de choque atravessa-me, rapidamente seguida por uma vaga de fúria porque, por um momento insano, acho que ela esteve a mexer no meu escritório. Mas depois lembro-me de que a Ellen nunca faria uma coisa dessas, e esforço-me por afastar a minha fúria. De qualquer maneira, ela não disse que a encontrou em frente de casa?

— Alguém deve tê-la deixado cair — digo, o mais casualmente possível. — Uma criança, voltando da escola, ou qualquer coisa do género.

— Eu sei. É só que me recordou... — Ela interrompe-se.

— Sim? — pergunto, preparando-me mentalmente, porque sei o que ela vai dizer.

— A Layla.

Como sempre, o seu nome fica suspenso no ar, entre ambos. E hoje, por causa do telefonema do Tony, parece-me mais pesado do que é habitual.

De repente, a Ellen ri-se, desanuviando o ambiente.

— Pelo menos, agora, tenho um conjunto completo.

E claro que sei a que é que ela se está a referir.

Foi a Layla quem me contou inicialmente a história, de como ela e a Ellen tinham um conjunto de bonecas russas, daquelas que encaixam umas nas outras, e um dia a boneca mais pequena do conjunto da Ellen tinha desaparecido. A Ellen acusara a Layla de lha ter tirado, mas a Layla negou tê-lo feito, e nunca encontraram a boneca. Agora, treze anos depois de ter ouvido a história pela primeira vez, a ironia impressiona-me porque, tal como a pequena boneca russa da Ellen, a Layla desapareceu e nunca foi encontrada.

— Talvez a devesse pôr no muro, como as pessoas fazem quando encontram luvas — digo. — Alguém pode vir à procura dela.

Ela esboça uma expressão desanimada, e sinto-me mal, porque é apenas uma boneca russa. Mas depois da chamada do Tony, parece-me um pouco de mais.

— Não pensei nisso — responde ela.

— De qualquer maneira, agora posso comprar-te todas as bonecas russas que quiseses — digo, embora ambos saibamos que não tem nada a ver com isso.

Os seus olhos arregalam-se.

— Queres dizer...?

— Sim — digo, erguendo-a nos braços e fazendo-a rodopiar, reparando, não pela primeira vez, o quanto é mais leve do que a Layla.

Madeixas de cabelo castanho escapam-se-lhe do rabo de cavalo curto, e caem-lhe à volta do rosto. As suas mãos apertam-me os ombros.

— O Grant James investiu? — grita ela.

— Investiu! — exclamo, afastando os pensamentos a respeito da Layla.

Paro de a rodopiar e ponho-a no chão. Estonteada, ela cambaleia um pouco contra mim e abraço-a.

— Isso é maravilhoso! O Harry deve estar satisfeitíssimo! — Ela esquiva-se ao meu abraço. — Fica aí, volto já.

Desaparece na cozinha e sento-me no sofá à sua espera. A *Peggy* esfrega-se nas minhas pernas e aperto-lhe a cabeça entre as mãos,

observando com o coração pesado como ela está a ficar grisalha. Puxo-lhe suavemente as orelhas, como ela adora, e digo-lhe que é linda. É algo que lhe digo muitas vezes, talvez demasiadas. Mas a verdade é que, para mim, a *Peggy* sempre foi algo mais do que um simples cão. E agora, por causa da boneca russa, aquilo parece-me errado.

Sinto-me inquieto, demasiado cheio de energia cinética para me sentar. Quero ir até ao meu escritório — um anexo, que mandei construir no jardim — e certificar-me de que a minha boneca russa, a que a Ellen não conhece, está lá, no seu esconderijo. Mas esforço-me por ser paciente, lembrando-me de que está tudo bem no meu mundo. Apesar disso, é difícil, e estou prestes a ir à procura da Ellen quando ela volta, uma garrafa de champanhe numa mão e dois copos na outra.

— Perfeita — digo, sorrindo-lhe.

— Escondi-a no fundo do frigorífico, há algumas semanas — responde ela, pondo os copos em cima da mesa e estendendo-me a garrafa.

— Não — replico, segurando a garrafa e usando-a para a puxar contra mim. — Estava a referir-me a ti. — Abraço-a por um instante, a garrafa de champanhe enfiada entre os nossos corpos. — Sabes o quão bela és? — Incomodada com os elogios, ela baixa a cabeça e beija-me no ombro. — Como é que sabias que eu ia conseguir o investimento do Grant? — continuo.

— Não sabia. Mas se ele não o tivesse feito, o champanhe seria para o lastimarmos.

— Estás a ver o que quis dizer, acerca de seres perfeita? — Liberto-a com um beijo, abro a armação de arame e solto a rolha da garrafa. O champanhe esguicha e a Ellen pega rapidamente nos copos. — Adivinha onde te vou levar esta noite? — digo, ao enchê-los.

— Ao McDonald's? — brinca ela.

— Ao The Hideout.

Ela olha-me, encantada.

— A sério?

— Sim. O Harry reservou-nos uma mesa, como forma de agradecimento.

Mais tarde, enquanto ela está no piso de cima a arranjar-se, saio para o meu escritório no jardim, sento-me à secretária e abro a gaveta superior direita. É uma secretária de nogueira, enorme e antiga, e a gaveta é tão funda que demoro um bocado até encontrar a caixa de lápis de madeira, escondida na parte de trás. Tiro a pequena boneca pintada, aninhada no seu interior. Parece igual àquela que a Ellen encontrou fora de casa e, quando os meus dedos se fecham à volta do seu corpo liso e envernizado, sinto a mesma vaga de desconforto que é habitual sentir, um misto de desejo e arrependimento, de desolação e tristeza infinitas. E gratidão, porque se não fosse aquela pequena boneca de madeira, eu podia ter sido julgado pelo assassinato da Layla.

Aquela boneca pertencera-lha. Era a mais pequena do seu conjunto de bonecas russas, aquele que ela tivera em criança, e quando a da Ellen desaparecera, a Layla andava sempre com ela, receando que a Ellen lha tirasse dizendo que era a dela. Chamava-lhe o seu talismã e, em momentos de *stress*, apertava-a entre o polegar e o indicador, e esfregava suavemente a superfície lisa. Era exatamente isso que estava a fazer na nossa viagem de regresso de Megève, aninhada contra a porta do carro; e, na manhã seguinte, quando a polícia voltou à área de piqueniques, encontraram-na no chão ao lado do sítio onde eu estacionara, junto do caixote do lixo. Também encontraram marcas de pneus que, como o meu advogado referiu, sugeriam que ela fora arrastada do carro e deixara cair a boneca de propósito, como uma espécie de pista. Como não havia provas suficientes para indicar o contrário, acabei por ser autorizado a partir de França e a ficar com a boneca russa.

Volto a guardá-la no seu esconderijo e vou à procura da Ellen. Mas, mais tarde, quando estamos deitados na cama, a nossa fome saciada pelo jantar requintado que tivemos no The Hideout, os nossos corpos entrelaçados, amaldiçoo silenciosamente a pequena boneca russa que ela encontrou. É outra recordação que me diz que, por mais anos que passem, nunca estaremos completamente livres da Layla.

Mal se passa um mês sem ouvirmos o nome dela — alguém a gritá-lo na rua, uma personagem num filme ou num livro, um restaurante recém-inaugurado, um *cocktail*, um hotel. Pelo menos, já não temos de aguentar as supostas aparições da Layla — ontem, a do Thomas foi a primeira em anos. Houve centenas, quando ela desapareceu pela primeira vez; parecia que qualquer mulher que tivesse cabelo ruivo era apresentada como uma possível candidata.

Olho para a Ellen, aconchegada na curva do meu braço, e pergunto-me se ela também estará a pensar na Layla. Mas o movimento regular do seu peito contra o meu corpo diz-me que já adormeceu, e sinto-me satisfeito por não lhe ter contado nada acerca da chamada do Tony. Tudo isto teria sido muito mais fácil se a Ellen e eu nos tivéssemos apaixonado por outras pessoas, e não um pelo outro. Não devia ter qualquer importância que a Ellen seja a irmã da Layla, não quando já se passaram doze anos desde o seu desaparecimento.

Mas claro que tem importância.